

SER JOVEM E VIVER A JUVENTUDE: POSICIONAMENTOS DE JOVENS ESTUDANTES DA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO

Zizelda Lima Fernandes (UNEB)¹

Resumo: Este texto foi construído com o intento de desenvolver análises e reflexões acerca dos posicionamentos de jovens estudantes do ensino médio em torno do “ser jovem” e do “viver a juventude”. O referido texto traz um recorte de uma tese de doutoramento em educação cujo objetivo fora compreender as relações que jovens estudantes da escola pública/estadual de ensino médio constroem com a escola considerando: o território de residência e a condição de gênero; as relações estabelecidas com a família e o trabalho e, sobretudo, as sociabilidades por eles praticadas no contexto escolar nas redes interativas. Procurou-se desenvolver um estudo fundamentado nos preceitos de uma metodologia qualitativa. Para tal, utilizou-se de fontes documentais (pesquisa bibliográfica e declaratória, ata de resultados finais, projeto político-pedagógico e os textos de políticas educacionais) e fontes não documentais (observações diretas no campo, que constaram de: diário de campo, conversas com professores e gestores, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas). O campo investigativo constituiu-se de cinco escolas públicas da rede estadual de ensino médio do município de Guanambi (BA) e teve como principais interlocutores jovens alunos do primeiro ano do ensino médio. Para a construção do texto em pauta recorreremos aos dados coletados via questionários (292 jovens) e via entrevistas semiestruturadas (25 jovens). A categoria juventude é histórica e socialmente construída, por esse motivo ela é capaz de gerar diversas combinações e modalidades de “ser jovem”, tendo em vista que ela se projeta na construção de uma experiência que põe em cena fatores diversos, como classe social, gênero, etnia, religiosidade, proveniência urbana ou rural, entre outros. Os sujeitos da pesquisa deixam claro, em suas falas, que a própria definição do que é juventude precisa ser analisada em um contexto relacional.

Palavras-chave: Escola Pública. Ensino Médio. Juventude.

Introdução:

Este texto traz um recorte de uma tese de doutorado em educação e tem por objetivo desenvolver análises e reflexões acerca dos posicionamentos de jovens estudantes do ensino médio em torno do “ser jovem” e do “viver a juventude”.

No contexto brasileiro, de modo geral, por um bom tempo, a opinião pública, os atores políticos, os agentes culturais, os meios de comunicação e a própria academia tratavam o tema da juventude como “uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da contemporaneidade” (ABRAMO, 1997, p. 29).

¹ Doutorado em Educação (FE/UNICAMP)

Entre a proeminência dos jovens politizados da classe média dos anos de 1960 e a proeminência dos moços pobres dos anos de 1990 – em situação de risco, jovens delinquentes, meninos de rua – se constroem as percepções e interpretações sociais da juventude no Brasil, absolutamente opostas. Ou seja, “numa ponta os estudantes politizados, idealistas e comprometidos com as causas sociais e políticas da sociedade – anos 60. Na outra ponta, os jovens carentes e envolvidos com o mundo da criminalidade – anos 90 e atual” (ABRAMO, 2005, p. 39). O foco da preocupação – último quartel do século passado - se situa nas crianças e adolescentes em situação de risco. “A percepção da juventude para além da adolescência em risco, numa direção, e para além de outros setores de classe média, em outra direção, é mais recente, emergindo com mais força nos últimos dez anos” (ABRAMO, 2005, p. 39).

De tal modo, as “figuras paradigmáticas” vão surgindo de acordo com a conjuntura histórica. E, num contexto de diferentes dimensões, as adjetivações acabam por rotular os jovens conforme equívocos conceituais que, por sua vez, confundem realidade e representações e favorecem os mascaramentos. Para Pais (2008, p. 08), “os jovens são o que são, mas também (sem que o sejam) o que deles se pensa, os mitos que sobre eles se criam”.

A forma de conceber juventude no sentido geracional, ou seja, no sentido de que os jovens recém-chegados ao mundo das gerações mais antigas são socializados com diferentes signos e possuem características distintas em relação à geração adulta e de conceber juventudes considerando as diversidades culturais, políticas, econômicas e sociais, traduzidas pelas diferenças de classe social, raça, cor/etnia, gênero, local de moradia, entre outros, nos possibilitam reconhecer que o jovem em sua condição juvenil, pode ser considerado em dupla dimensão: referindo-se ao modo como a sociedade atribui significado a esse ciclo da vida “no contexto de uma dimensão histórico-geracional”; e quanto à situação em que “tal condição é vivida a partir dos recortes referidos às diferenças sociais” (DAYRELL, 2009, p. 17).

Perante outras configurações impressas no tempo e no espaço, nas relações sociais provocadas pelas grandes transformações socioculturais do mundo ocidental, a condição juvenil se manifesta de diversas maneiras, nas mais variadas dimensões (DAYRELL, 2009), marcadas, no nosso país, por intensos recortes nas desigualdades sociais, culturais e étnicas. Assim, lançar mão de reflexões acerca do “ser jovem” e do “viver a juventude” na perspectiva dos jovens alunos do ensino médio nos possibilita percebê-los como sujeitos socioculturais que trazem para o interior da escola experiências sociais, demandas e necessidades próprias.

Metodologia:

Procurou-se desenvolver um estudo fundamentado nos preceitos de uma metodologia qualitativa. Em se tratando da tese, utilizou-se de fontes documentais (pesquisa bibliográfica e declaratória, ata de resultados finais, projeto político-pedagógico e os textos de políticas educacionais) e fontes não documentais (observações diretas no campo, que constaram de: diário de campo, conversas com professores e gestores, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas). O campo investigativo constituiu-se de cinco escolas públicas da rede estadual de ensino médio do município de Guanambi (BA) e teve como principais interlocutores jovens alunos do primeiro ano do ensino médio. Para a construção desse texto recorreremos aos dados coletados via questionários (com questões fechadas e abertas, respondidos individualmente por 292 jovens) e, via entrevista semi-estruturada (25 jovens selecionados do grupo maior). O trabalho ocorreu no decorrer do ano de 2014 e primeiro semestre de 2015.

Resultados e Discussão:

Dirigimo-nos, inicialmente, aos jovens participantes da pesquisa, com as indagações: “o que é ser jovem?” e “como você vive a sua juventude?”. Verificamos que os posicionamentos abarcavam um elenco significativo de questões que nos remeteram à compreensão de juventude como uma condição social e, ao mesmo tempo, como um tipo de representação (PERALVA, 1997). Em algumas narrativas dos jovens que trabalhavam, percebemos certo prejuízo da vida juvenil por terem se inserido no mundo do trabalho muito cedo, pressionados, sobretudo, pela carência financeira. Encontramos também diversas concepções e representações em torno do “ser jovem” e do “viver a juventude”, que se sustentavam na ideia de passagem e transitoriedade. Ao mesmo tempo, deparamos com compreensões que apontavam a juventude como um caminho que possibilita a construção das experiências de vida dos jovens, conforme se pode constatar na síntese a seguir:

‘Ser jovem é curtir a vida!’; ‘Ser jovem é viajar na maresia e sentir a brisa do luar!’; ‘Ser jovem é passar por experiências a cada minuto’; ‘Ser jovem é um começo pra amadurecer e ser um adulto responsável’; ‘Ser jovem é estar numa fase complicada’; ‘Ser jovem é ser livre sem ter muitas preocupações’; ‘Ser jovem é poder pensar de maneira própria’; ‘Ser jovem é estar aberto para novas mudanças’; ‘Ser jovem é ter mais problema que o normal’ (JOVENS ESTUDANTES DO E. MÉDIO/2014).

‘Eu vivo a minha juventude do jeito correto, segundo o coração de Deus’;

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS

‘Vivo a minha juventude trabalhando de domingo a domingo, não tenho muito tempo para diversão’; ‘Vivo a minha juventude com muita adrenalina’; ‘Vivo estudando, trabalhando e curtindo’; ‘Vivo com um pouco de dificuldade, porém superando a cada dia’; ‘De tudo um pouco: estudos, lazer e dificuldades’; ‘Legal, cheia de sabor, amargo, às vezes’; ‘Pra ser sincera, ultimamente não estou tendo o prazer de viver isso’; ‘Vivo com erros e acertos, com algumas responsabilidades e liberdade limitada’ (JOVENS ESTUDANTES DO E. MÉDIO/2014).

De todo modo, as distintas concepções e formas de viver a juventude, elaboradas pelos estudantes, implicam o reconhecimento das muitas experiências juvenis nos contextos sociais em que se encontram, segundo os quais elaboram visões de mundo e constroem identidades. Os jovens estudantes têm modos próprios de conceber a juventude. Elegem dimensões que se apresentam, em algumas circunstâncias, em pólos opostos: a liberdade ou a ausência dela, a responsabilidade ou a falta de responsabilidade, a escolha ou a imposição. Nomeiam a autonomia, a experiência, a mudança, o amadurecimento. Estabelecem uma forte relação da juventude com um momento da vida em que se deve fazer de tudo um pouco, afinal sendo jovens não poderiam deixá-la passar sem se divertir. Outros jovens compreendem a juventude como o cotidiano normal da vida, com afazeres, dificuldades, erros e acertos.

Assim, os jovens estudantes, sujeitos da pesquisa, deixam claro, em suas falas, que a própria definição do que é juventude precisa ser analisada em um contexto relacional. Dayrell, Nogueira e Miranda (2011) sintetizam essas questões, ao ressaltarem que não há uma única juventude que possa ser encontrada em estado puro. As múltiplas expressões da juvenildade se constroem em conformidade com um conjunto de situações e de fenômenos que a concretizam, o que a leva a adotar diferentes contornos em contextos sociais, políticos e históricos diversos.

Para Esteves e Abramovay (2007, p. 21) “não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder na sociedade”. Uma mesma sociedade pode recobrir distintas juventudes (CORTI, 2002, p. 77). Refletindo sobre essa categoria, Gil considera que:

Juventude, palavra que supõe mais do que idade, biologia, cultura, psicologia ou classe social [...] é comum que essas (representações) estejam ancoradas em ideias sobre o que seria o jovem ideal e também em estereótipos sobre a juventude [...] quase sempre, os ‘modelos’ positivos se espelham em jovens que não são das classes populares e reforçam estereótipos e antagonismos nas relações entre as classes sociais (GIL, 2011, p. 26).

Para melhor compreendermos a categoria “juventude”, necessário se faz desconstruirmos conceitos que se encontram envoltos numa intrincada teia de representações. Para Pais (2008), a decifração do conceito passa pelo desvendar das representações que fazem da juventude uma realidade mascarada pelas sucessivas adjetivações que a rotulam. O referido autor afirma que “muitas das máscaras nominais as quais se ocultam as representações da juventude são fabricações do senso comum e dos media” (PAIS, 2008, p. 08, grifo do autor).

As etiquetas dão origem a realidades estereotipadas e mitificadas, como afirma o autor. Assim, a tematização da juventude, ou melhor, as representações da mocidade perante a sociedade vão se elaborando e reelaborando mediante circunstâncias e distintas origens, condições sociais, culturais, de gênero, entre outros.

Considerações finais

Procuramos analisar os posicionamentos dos jovens acerca do “ser jovem” e do “viver a juventude” e, nesse percurso, constatamos que em meio à diversidade, a juventude no contexto sociocultural pode assumir concepções marcadas por valiosas possibilidades de conquistas, de alçar voos ou, ainda, pelo diverso desigual, nas palavras de Frigotto (2009). A juventude contemporânea vivencia um processo social que lhe dá muitas possibilidades de escolha, contudo, muito diferenciadas. Por exemplo, se nasce rico ou pobre, preto ou branco, homem ou mulher, rural ou urbano, entre outros. “Ser jovem ou viver a juventude” significa, portanto, compreender que esta vai se constituindo de acordo com a realidade sócio-histórica, vivenciada pelo sujeito.

A categoria juventude é histórica e socialmente construída, por esse motivo ela é capaz de gerar diversas combinações e modalidades de “ser jovem”, tendo em vista que ela se projeta na construção de uma experiência que põe em cena fatores diversos, como classe social, gênero, etnia, religiosidade, proveniência urbana ou rural, entre outros.

As questões expostas nos levam a reafirmar que, para se desenvolver um estudo que tenha por preocupação os jovens estudantes da escola pública de ensino médio, urge percebê-los como sujeitos socioculturais que trazem para o interior da escola experiências sociais, demandas e necessidades próprias. Significa compreendê-los de forma mais ampla, na óptica da cultura e segundo parâmetros que fogem de uma cultura escolar construída em um contexto que ignora o “modo efetivo de existência dos jovens” (DAYRELL, 2007, p. 1125).

De tal modo, visões acerca da juventude elaboram a nossa compreensão e definem a nossa postura frente aos jovens. Para melhor compreendermos essa categoria, necessário se

faz desconstruirmos conceitos de juventude que se encontram envoltos numa intrincada teia de representações. A decifração do conceito passa pelo desvendar das representações que fazem da juventude uma realidade mascarada pelas sucessivas adjetivações que a rotulam (PAIS, 2008). No cenário recente, em face das mudanças sociais, os jovens vêm se constituindo como sujeitos socioculturais, segundo uma complexa e dinâmica teia de relações. Desdobra-se, a partir daí, duas vias: a primeira é marcada pela impossibilidade de se debate juventude como uma categoria constituída por um tipo exclusivo de jovem; e a segunda, pela possibilidade de se pensar este público considerando as diferentes maneiras pelas quais vive a juventude.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, ANPEd, n. 5-6, p. 37-52, maio/ago.; set./dez. 1997.

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virginia (Org.). **Juventudes e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: 2005. p. 19-35.

CORTI, Ana Paula de Oliveira. **Violência e indisciplina no cotidiano da escola pública**. Jovens espectadores, vitimizados e agentes de agressões. 2002. 229p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), São Carlos, São Paulo, 2002.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. O aluno do ensino médio: o jovem desconhecido. **Salto para o Futuro**, v. 18, p. 16-24, 2009.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; NOGUEIRA, P. H. Q.; MIRANDA, S. A. Os jovens de 15 a 17 anos: características e especificidades educativas. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica do MEC (Org.). **Caderno de reflexões: jovens de 15 a 17 anos no ensino fundamental**. 1. ed. Brasília: MEC, 2011. v. 1. p. 13-62.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007. p. 19-54.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Ensino médio no Brasil: juventude com o futuro interditado. **Salto para o Futuro**, v. 18, p. 24-29, 2009.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Jovens e juventudes: consensos e desafios. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 25-42, jan./abr. 2011.



IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



PAIS, José Machado. Máscaras, jovens e escolas do diabo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, p. 7-21, 2008.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. In: PERALVA, Angelina; SPÓSITO, Marília (Org.). Editorial juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, ANPEd, n. especial, p. 15-24, 1997.